

CRISE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E OS DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS DA HUMANIDADE: NECESSIDADE DE DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA¹

Dermeval Saviani²

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Na abordagem do tema indicado no título, começo por uma breve menção à crise atual do capitalismo, mostrando, em seguida, como essa crise vem agravando a questão ambiental, colocando a necessidade de se desenvolver a consciência ecológica; e concluo com os desafios ético-políticos que precisam ser enfrentados nessa fase de colapso da forma atual de sociedade baseada no capital, que ameaça destruir as condições de vida em nosso planeta, decretando, em consequência, a própria extinção da humanidade.

1. Crise da sociedade atual

Tendo se estendido por toda a Terra, o capitalismo não tem mais para onde se expandir e obtém uma sobrevida por meio da "produção destrutiva". Isso porque aquilo que é destruído pode ser

¹ Exposição na Mesa **“Crise da sociedade contemporânea e os desafios ético-políticos da humanidade”**, no encerramento do XV Colóquio Nacional e VIII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico da UESB, versando sobre o tema **“À beira do abismo: os caminhos da humanidade diante da ameaça de sua extinção”**. Esclareço que, na estruturação deste texto incorporei aspectos de trabalhos realizados anteriormente em diferentes momentos.

² Professor Emérito da UNICAMP, Pesquisador Emérito do CNPq e Doutor “honoris Causa” pelas universidades Tiradentes de Sergipe (UNIT), Federal da Paraíba (UFPB), Federal de Santa Maria (UFSM), Federal de São Carlos (UFSCar), Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e Estadual do Norte do Paraná (UENP); atualmente é professor titular colaborador permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Endereço eletrônico: Dermeval.saviani.2013@gmail.com

reconstruído a partir das relações sociais de produção dominantes, baseadas na propriedade privada. Mas já não é mais possível desenvolver novas forças produtivas porque as relações sociais privadas, que até meados do século XX impulsionaram o desenvolvimento das forças produtivas, a partir da crise dos anos de 1970, que determinou a reconversão produtiva com o advento do neoliberalismo, as referidas relações sociais baseadas na propriedade privada passaram a frear o avanço das forças produtivas, gerando os fenômenos dos desastres ambientais, acidentes de trânsito, guerras localizadas e, mais recentemente, as manifestações acompanhadas da queima de veículos, quebra de lojas e outras formas destrutivas nomeadas pela imprensa como vandalismo, assim como pelas ações do crime organizado, tanto a partir das prisões como nas áreas de controle do tráfico de drogas e de atuação das milícias. Aliás, o comércio de armamentos e de drogas ilícitas está entre os setores que movimentam as principais somas de capitais nos dias de hoje.

Além desses eventos extrínsecos ao processo produtivo que alimentam a reprodução capitalista, o próprio modo de produzir incorporou intrinsecamente a forma destrutiva ao reger-se pela obsolescência programada, mediante a qual os bens são produzidos para durar pouco, exigindo em tempos cada vez mais curtos a necessidade de sua substituição. Isso ocorre com todos os produtos, sendo mais evidente nos equipamentos eletrônicos que utilizam como matéria-prima o plástico, cujos artefatos obsoletos inundam o planeta, danificando o meio ambiente.

Com a desintegração do "socialismo real", todos os problemas do mundo de hoje são problemas do capitalismo. Em 1990, no calor dos acontecimentos relativos ao colapso da União Soviética, escrevi que, em lugar de acreditar que o socialismo pereceu e que Marx fracassou, as evidências apontam em sentido contrário, realçando a consistência da tese de Marx de que "nenhum modo de produção desaparece antes de ter esgotado todas as suas possibilidades" e que não é possível uma solução parcial para os problemas do capitalismo. Portanto, o que se comprova é que a tentativa de se implantar o

socialismo em somente uma parte do mundo se revelou inviável. Mas não se pode dar como comprovada a inviabilidade do socialismo como solução global. Agora não há mais os problemas do socialismo paralelamente aos problemas do capitalismo. Todos os problemas do mundo, hoje, são problemas **do** capitalismo. E precisam ser resolvidos, o que só pode ocorrer com a superação do próprio capitalismo como totalidade. E a superação do capitalismo, a partir do desenvolvimento de suas contradições internas, é o que a prática histórica e a teoria dessa prática vêm explicitando por meio da categoria "socialismo". Fora disto, a alternativa que resta é a barbárie, da qual também já se manifestam diversos sinais na atual conjuntura (Saviani, 1991, p. 103-104). Portanto, a solução da crise global implica a transformação radical do capitalismo, construindo, pela práxis revolucionária, a sociedade socialista.

Tendo indicado brevemente a crise da sociedade capitalista e a via de sua superação, passo a considerar o problema ambiental e a necessidade de desenvolver e disseminar a consciência ecológica.

2. Necessidade de desenvolver a consciência ecológica

A espécie humana é composta por seres que, para existir, não lhes basta adaptar-se à natureza como ocorre com os demais animais. Os seres humanos necessitam agir sobre a natureza, ajustando-a às suas necessidades. Agem, pois, em sentido contrário ao que fazem os outros animais: em lugar de se adaptar à natureza, eles necessitam, por meio do trabalho, adaptar a natureza a si. Isso significa que a natureza é a fonte perene da existência humana, sendo dela que a humanidade retira cotidianamente os meios de sua sobrevivência. É a natureza que nos fornece o ar que respiramos e do qual provém a água que não somente sacia nossa sede, mas que se constitui na origem da vida, sem a qual nenhum ser vivo, seja do reino vegetal ou animal, pode sobreviver; é ainda a natureza que nos proporciona os frutos que comemos e a terra na qual abrimos covas para plantar nossos alimentos e para abrigar nossos mortos. E é também a natureza que fornece o calor que nos

aquece, as matérias-primas para produzirmos nossos instrumentos com os quais transformamos outras matérias-primas em novos produtos para atender às nossas necessidades reais ou supérfluas.

Enquanto os homens e mulheres viviam no “reino da pura necessidade”, extraindo da natureza os elementos necessários à sua sobrevivência, não aparecia a questão da destruição da natureza como um problema. A “consciência ecológica” só veio a se disseminar na atualidade quando o capitalismo, com sua insaciável busca de lucros, tomou conta de todo o globo, levando a níveis intoleráveis o processo de destruição da natureza. Essa situação calamitosa vem provocando um desenvolvimento crescente da consciência ambiental, o que conduziu a ONU, em sua Assembleia Geral de 1972, a instituir o Dia Mundial do Meio Ambiente, a ser comemorado anualmente no dia 5 de junho, provocando o governo brasileiro a estabelecer, pelo Decreto Federal 86.028, de 27 de maio de 1981, a primeira semana de junho como a Semana do Meio Ambiente.

Se essas iniciativas se tornaram possíveis pelo desenvolvimento da consciência ecológica, por outro lado, elas próprias se justificam pela necessidade de ampliar e aprofundar o nível de conscientização diante do alto grau de destruição da natureza já atingido. Com efeito, não adianta dedicar uma semana do ano para destacar a necessidade da preservação ambiental se, nas demais cinquenta e uma semanas do ano, prosseguem as ações que contribuem crescentemente para a degradação do meio ambiente.

De fato, somente quando o avanço das forças produtivas, traduzido no desenvolvimento tecnológico, já permite uma utilização racional dos recursos naturais, é que a consciência da necessidade de preservação desses recursos se manifesta. É verdade que essa consciência pode se antecipar em casos específicos, como ilustra a análise efetuada por Engels, em 1876, no texto “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem” (Engels, 1977, p. 61-78). Nesse texto, Engels conclui que, ao contrário dos animais, que só modificam a natureza pelo simples fato de viverem nela, o homem

domina a natureza e a obriga a servir-lhe, diferença essa resultante do trabalho. Mas acrescenta:

Contudo, não nos deixemos dominar pelo entusiasmo em face de nossas vitórias sobre a natureza. Após cada uma dessas vitórias, a natureza adota sua vingança. É verdade que as primeiras consequências dessas vitórias são as previstas por nós, mas, em segundo e em terceiro lugar, aparecem consequências muito diversas, totalmente imprevistas e que, com frequência, anulam as primeiras (Engels, 1977, p. 71).

E Engels prossegue mostrando que, na Mesopotâmia, na Grécia, assim como na Ásia Menor e em outros lugares, os homens devastavam as matas para cultivar as terras, sem imaginar estarem, dessa forma, produzindo o atual deserto nessas regiões. Registra, em seguida, a destruição, pelos italianos dos Alpes, dos bosques de pinheiros meridionais que eram conservados carinhosamente ao Norte, sem se advertirem de que, por esse meio, estavam destruindo as bases da indústria de laticínios de sua própria região. E, continuando, adverte: “os que difundiram o cultivo da batata na Europa não sabiam que, com esse tubérculo farináceo, difundiam, por sua vez, a escrofulose” (Engels, 1977, p. 71), acrescentando, mais adiante:

Mas que importância pode ter a escrofulose, comparada com os resultados que teve a redução da alimentação dos trabalhadores a batatas puramente, sobre as condições de vida das massas do povo de países inteiros, com a fome que se estendeu em 1847 pela Irlanda em consequência de uma doença provocada por esse tubérculo e que levou à sepultura um milhão de irlandeses que se alimentavam exclusivamente, ou quase exclusivamente, de batatas e obrigou a que emigrassem para além-mar outros dois milhões? (Engels, 1977, p. 72).

A semelhança dessa situação com a disseminação atual dos produtos transgênicos e o uso indiscriminado de agrotóxicos não é coincidência. Na sequência, Engels relata outros atos humanos que, sem o saber, provocaram consequências desastrosas, como a destilação

do álcool, descoberta pelos árabes sem pensarem haverem produzido uma arma de dizimação dos indígenas da América, um continente então ainda desconhecido. E depois, Colombo, ao descobrir a América, também não sabia que estava dando vida nova à escravidão, há séculos desaparecida na Europa.

Mas, se Engels pôde, ainda no século XIX, elaborar essas constatações, isso se deveu à perspectiva teórica e ao compromisso social e político que aguçou sua consciência. Amplamente, essa “consciência ecológica” só veio a se disseminar na atualidade quando o capitalismo, com sua insaciável busca de lucros, tomou conta de todo o globo, levando a níveis intoleráveis o processo de destruição da natureza.

Antes, porém, da veiculação generalizada dos temas ecológicos, o sepeense Galeno Santos Motta, já na década de 1940, nos campos que cultivava na zona rural do município de São Sepé, no centro do estado do Rio Grande do Sul, e depois, nos anos de 1960 e 1970, em sua chácara na cidade, revelou aguda consciência ecológica, assumindo em plenitude as práticas preservacionistas. E Galeno Santos Motta, esse ecologista de primeira hora, que, como Engels, desenvolveu sua consciência ecológica, é, coincidentemente, o pai de minha esposa, Maria Aparecida Dellinghausen Motta, que, seguindo as pegadas do pai, desenvolveu em alto grau sua consciência ecológica, lembrando constantemente o que, surpreendentemente, ninguém aponta: o efeito desastroso das guerras na poluição ambiental. A imprensa de todo o mundo noticia as guerras e, paralelamente, aponta os problemas do efeito estufa, do aquecimento global provocado pelo desenvolvimento industrial, o desmatamento, as queimadas, a mineração etc. E nada dizem sobre os enormes danos ambientais provocados pelas guerras que vêm se manifestando em diferentes regiões da Terra. E Maria Aparecida fica indignada com essa omissão que, em verdade, se constitui numa indisfarçável hipocrisia: defender a preservação ambiental e provocar constantes conflitos bélicos, fazendo de conta que nada têm a ver com a questão ambiental.

De fato, o que se constata é que os Estados Unidos, considerados atualmente a maior potência mundial, mantêm centenas de bases militares espalhadas por todos os continentes e vêm provocando conflitos em todos os cantos da Terra. Nesta era de declínio de sua condição de império global, essa nação se transformou num verdadeiro “Estado bandido” com ações que beiram a pirataria não somente naval, mas também aérea e terrestre. Com efeito, o conceito de “Estado bandido” corresponde a um país que comete crimes, não se submetendo a nenhuma das normas estabelecidas pela ONU, normas essas de cuja aprovação ele próprio participou. É assim que os Estados Unidos vêm intervindo nos demais países, provocando destruição, como ocorreu com o Iraque de Saddam Hussein, com a Líbia de Muammar al-Gaddafi e em tantos outros casos, como mais recentemente se evidenciou com as chamadas “guerras híbridas”.

Veja-se, por exemplo, o caso da Ucrânia! Esse país historicamente pertencia ao Império Russo, sendo que sua atual capital, Kiev, foi a primeira capital da Rússia, no século IX, na denominada *Rússia de Kiev*. E, após a revolução de 1917, que resultou na criação da União Soviética, a Ucrânia foi transformada numa das repúblicas integrantes da URSS, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. E, com a dissolução da União Soviética, cuja declaração reconheceu a independência das antigas repúblicas soviéticas e criou a Comunidade de Estados Independentes, a Ucrânia manteve essa condição, continuando com estreitas afinidades com a Rússia, tendo, inclusive, em seu território comunidades originárias da Rússia, cuja língua é o russo. Extinta a União Soviética, foi extinto também o Pacto de Varsóvia, uma aliança militar criada para se contrapor à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aliança militar criada na Europa sob a liderança dos Estados Unidos no contexto da chamada “Guerra Fria”, como foi chamado o confronto entre o Ocidente liderado pelos Estados Unidos e a União Soviética liderada pela Rússia. No entanto, a OTAN não foi extinta e, ao contrário, foi se expandindo e incluindo mais países na dita aliança. Embora houvesse certo acordo

da não expansão para o Leste, essa expansão ocorreu, abarcando vários países que antes integravam a União Soviética.

Foi nesse quadro que, em 2014, os Estados Unidos promoveram a tal da guerra híbrida na Ucrânia, levando à deposição do presidente eleito, Viktor Yanukovych, que mantinha boas relações com a Rússia, e instalando um governo interino sucedido por novas eleições que conduziram à presidência Petro Poroshenko, de orientação pró-ocidental, apoiado por grupos anticomunistas de direita, centro-direita e extrema-direita, configurando um clima hostil que foi promovendo, inclusive com ações de grupos armados de orientação neonazista atacando as comunidades de língua russa, além da ameaça da adesão da Ucrânia à OTAN. Em abril de 2019, foi eleito presidente Volodymyr Zelensky, que tomou posse em 20 de maio. Consequentemente, seu mandato se encerrou em 19 de maio de 2024. No entanto, não foram convocadas novas eleições e Zelensky continua sendo considerado presidente, embora agora de forma inteiramente irregular.

Sendo inaceitável a adesão da Ucrânia à OTAN, a Rússia abriu uma negociação da qual resultou o acordo de que não haveria essa expansão da OTAN junto à fronteira russa. No entanto, esse acordo não foi cumprido, o que acabou por detonar a guerra atual que, pelo teatro de operações, se mostra como sendo entre a Rússia e a Ucrânia, mas, de fato, é uma guerra entre Estados Unidos que, contra a Rússia, utiliza a Ucrânia como preposta. Tanto assim que os Estados Unidos se opõem a qualquer tentativa de negociação e, em lugar disso, continuam destinando bilhões de dólares e induzindo a União Europeia a fazer o mesmo para armar a Ucrânia, levando-a a persistir no esforço bélico que está destruindo o país e impondo sofrimentos inauditos a seu povo. Eis como os Estados Unidos se acreditam no direito de intervir em qualquer país, primeiro por meio do uso direto das forças militares e agora por meio de guerras híbridas, além de impor sanções econômicas, ferindo a soberania dos demais países e espionando inclusive governos amigos, como revelaram os documentos secretos divulgados pelo *Wikileaks*.

Durante a pandemia do coronavírus, também se revelou essa característica dos Estados Unidos como um “Estado bandido”. Como descreveu Jean Ziegler em seu livro *O capitalismo explicado às crianças*, no posfácio denominado “O capitalismo mata!”, ele denuncia que, no início de 2020, Trump desenterrou uma lei da Segunda Guerra Mundial, a “Lei de proteção da Defesa”, que permitia confiscar qualquer carregamento em nome da segurança nacional, tendo feito amplo uso dessa lei no decorrer da pandemia. E exemplifica: emissários do governo da Bahia compraram, no início de março de 2020, 600 aparelhos de respiração artificial de uma empresa chinesa. E, como o avião que transportava os aparelhos efetuou uma escala técnica em Miami, o governo americano confiscou a carga. E Ziegler conclui que, apesar das recomendações da OMS, “o desvio de carga, o rompimento de contratos, as fraudes, as ameaças e as chantagens continuam ao bel-prazer”. E o autor prossegue relatando, também, que o Brasil, pagando adiantado, fez uma encomenda da China de 200 milhões de máscaras que aguardavam no aeroporto chinês para serem embarcadas. Mas, nesse ínterim, surgiram 23 aviões de carga americanos, cujos emissários negociaram o desvio da carga por um preço muitíssimo superior. Diante do lucro muito maior, o empresário chinês rompeu o contrato com o Brasil e os 200 milhões de máscaras foram embarcados para os Estados Unidos (Ziegler, 2021, p. 132-133).

E, no momento atual, os Estados Unidos vêm dando total respaldo a Israel, outro “Estado bandido” que vem promovendo genocídio contra o povo palestino com ações bélicas arbitrárias na Faixa de Gaza, espalhando-se pelo Líbano, Cisjordânia, Síria, Irã, atacando e matando indiscriminadamente a população civil, homens, mulheres e crianças, inclusive a Força de Paz da ONU, ao arrepio das normas internacionais.

Essas guerras localizadas, provocadas pelo imperialismo estadunidense, acentuam sobremaneira a degradação ambiental, o que faz com que o lema lançado por Rosa de Luxemburgo em 1916, na forma da disjuntiva “socialismo ou barbárie”, ameace transformar-se neste outro: “socialismo ou destruição total do planeta”.

3. Desafios ético-políticos

Diante da colossal crise que acabei de expor, fica evidente que o aprofundamento da consciência ecológica nos conduzirá à plena compreensão de que a preservação do meio ambiente e, portanto, a própria sobrevivência da espécie humana é incompatível com a manutenção do capitalismo, com sua tendência irrefreável à expansão da economia de mercado. Estamos vendo como a barbárie se alastra neste século, exigindo, como antídoto, o que Michael Löwy (2005, p. 67-78) chamou de **ecossocialismo**, que implica uma nova ética, de caráter social, diferentemente da ética do individualismo consumista; uma ética democrática em lugar da ética tecnoburocrática do mercado capitalista; ou seja, uma ética que vá além da democracia formal do liberalismo, buscando realizar a democracia real própria do socialismo; uma ética radical, que vá às raízes dos problemas enfrentados em lugar da ética de fachada da economia capitalista.

Eis aí o grande desafio que se coloca para a educação dos trabalhadores e para os próprios trabalhadores como classe dominada em luta com a classe dominante nesse contexto de crise estrutural, de caráter terminal do capitalismo. Sim, conforme assinalou Mészáros (2002, p. 796), a crise atual do capitalismo é estrutural, tendo em vista seu caráter universal, seu alcance global, sua escala de tempo contínua ou permanente e seu modo de desdobrar-se rastejante, isto é, mesmo sem negar possíveis manifestações mais espetaculares, a crise vai persistentemente se insinuando nas várias dimensões características da estrutura, minando-a progressivamente. Trata-se, portanto, de uma crise terminal, o que significa que essa forma social não é mais suscetível de alguma correção. Há somente uma única solução: sua superação por um novo modo de produção. E, como já assinalai, a superação do capitalismo, a partir do desenvolvimento de suas contradições internas, é o que a prática histórica e a teoria dessa prática vêm explicitando por meio da categoria "socialismo". Com efeito, a contradição que mina por dentro o capitalismo diz respeito ao fato de que essa forma social promoveu a socialização do trabalho, mas

manteve privados os meios de produção e os produtos do trabalho. E a solução da contradição implica a socialização dos meios de produção e dos produtos do trabalho, compatibilizando-os com a socialização do trabalho já promovida pelo próprio capitalismo. Mas isso, obviamente, não ocorrerá sem luta, pois não existe classe suicida na história. Assim, não basta o conhecimento da necessidade da transformação; é necessária a ação revolucionária que rompa as relações vigentes e as substitua por uma nova ordem de caráter superior.

É essa a ação que se impõe para enfrentarmos os desafios ético-políticos colocados para a humanidade nesse contexto de **“Crise da sociedade contemporânea”** presente à beira do abismo, ameaçada de sua própria extinção.

Referências

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos 1*. São Paulo: Edições Sociais, 1977. p. 61–78.

LÖWY, Michael. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SAVIANI, Dermeval. *Educação e questões da atualidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

ZIEGLER, Jean. *O capitalismo explicado às crianças*. São Paulo: Cortez, 2021.